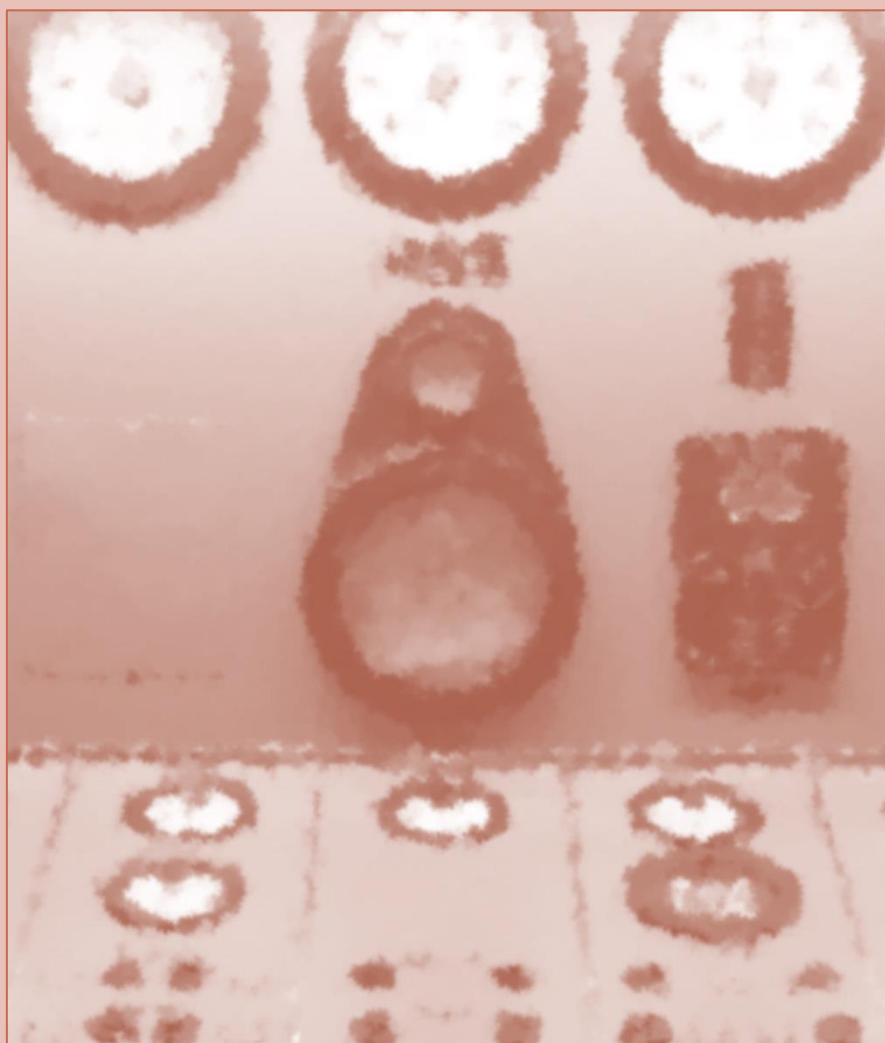


# PORTUGAL: QUAL O LUGAR DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E TÉCNICO?

---

## Livro de Resumos



Museu Arqueológico do Carmo  
Lisboa, 9 e 10 de Outubro de 2015



**Colóquio – Portugal: Qual o Lugar do Património Industrial e Técnico?**

Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, Portugal  
9 e 10 de Outubro de 2015

**Comissão Científica:**

Deolinda Folgado (APAI, IHC e DGPC)  
Diana Sanchez (Patrimonio Industrial Arquitectónico)  
Fernanda Rollo (APAI e IHC)  
Jorge Custódio (APAI e IHC)  
José Arnaud (AAP e MAC)  
Leonor Medeiros (MTU, APAI e FCSH-UNL)  
Mafalda Paiva (APAI e Ecomuseu do Seixal)  
Manuel Castelo Ramos (APAI)  
Maria da Luz Sampaio (APAI, UE)  
Paulo Oliveira Ramos (APAI e UA)  
Pedro Aboim (APAI)

**Direcção:** Leonor Medeiros, Jorge Custódio

**Edição:** Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial

**Copyright:**

Este documento não pode ser utilizado para fins comerciais. A utilização e reprodução de parte deste documento deve sempre fazer a devida referência ao(s) autor(es) do mesmo.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

**Fotografia de Capa:** Museu da Electricidade, por Leonor Medeiros

**Página Web:** <https://coloiopatrimonioindustrial.wordpress.com/>

## *Novas Tecnologias e Metodologias Colaborativas em Arqueologia e Património Industrial*

*Leonor Medeiros – FCSH-UNL & MTU*

### RESUMO:

A discussão que aqui trazemos, sobre o tema do lugar das novas tecnologias e das metodologias colaborativas nos campos da arqueologia e património industrial, desdobra-se em três áreas fundamentais: a *arqueologia* enquanto método científico de trabalho, o *património* enquanto objecto de investigação, uso e protecção, e a *paisagem* enquanto unidade e escala(s) de trabalho.

Cada vez mais as diversas metodologias da arqueologia e dos estudos de património ganham definição, clarificando as suas diferenças e confirmando a sua complementaridade, numa interdisciplinariedade que caracteriza a arqueologia industrial desde as suas origens. E cada vez mais os novos tempos do século XXI oferecem ferramentas inovadoras e promissoras, cujo potencial nesta disciplina está ainda agora a começar a ser explorado. Numa tentativa de contribuir para a definição de mais e melhores técnicas no campo da arqueologia e do património industrial, esta comunicação foca-se na apresentação de casos práticos dentro das três áreas de análise propostas acima, de usos das novas tecnologias e de metodologias colaborativas em projectos de arqueologia e património industrial.

- *Arqueologia Industrial:*

Neste campo focamo-nos no tema dos inventários de património industrial, uma área que desde os anos 60 do século XX tem sido um elemento central dos trabalhos de arqueologia industrial. Os anos 60 e 70 viram grandes projectos de inventário no Reino Unido (o Industrial Monuments Survey por exemplo) e nos EUA (liderados pelo National Parks Service no projecto Historic American Engineering Survey), mas esses trabalhos precisam de ser continuados e actualizados, à medida que cada vez mais sítios são identificados e novos critérios de análise são desenvolvidos. Já os grandes documentos de referência nesta área, a Carta de Nizhny Tagil (2003) e os Princípios de Dublin (2011), continuam a apontar a importância e a urgência da inventariação, como trabalho essencial para a protecção, conhecimento e salvaguarda deste património, bem como da necessidade de fazer inventários

integrados, que nomeadamente relacionam os vários elementos móveis e intangíveis que compõe a totalidade do lugar inventariado.

Na Michigan Technological University dos EUA, onde existe um dos poucos programas do mundo de estudos graduados em arqueologia e património industrial, co-liderei um projecto de inventário com o Professor Patrick Martin, com o apoio do J.M.Kaplan Fund e da Society for Industrial Archaeology. Denominado *IHR – Inventory of Industrial Heritage Resources*, que está a utilizar o mais recente e avançado sistema de inventário neste campo, desenhado sob a égide do Getty Conservation Institute e do World Monuments Fund. Este software gratuito, de livre-acesso, o Arches, foi especialmente criado para o património usando os standards definidos por profissionais do campo, nomeadamente do projecto Core Data. A existência deste software, lançado na sua última versão em 2015, responde à noção de que instituições por todo o mundo despendem recursos humanos e financeiros para desenvolver sistemas de inventário difíceis de actualizar e de cruzar, oferecendo assim uma opção gratuita, estável, e fácil de aplicar, simplificando e compatibilizando futuros trabalhos de inventário.

- *Património Industrial:*

Na área do património o grande foco é na questão da participação, do envolvimento das várias comunidades nos debates e nas tomadas de decisão, seja na questão da preservação, quer na das necessidades a que o património pode e deve responder. Cada vez mais se discute a revisão do papel do especialista nas relações entre os profissionais do património e as comunidades locais, na necessidade de uma relação mais dialógica que reconhece também a comunidade como especialista de uma série de questões locais.

As novas tecnologias vieram nesta área permitir o desenvolvimento de metodologias de investigação participatória com essas comunidades. Estas plataformas transcendem fronteiras geográficas ao mesmo tempo que permitem, a qualquer um com acesso à internet, a possibilidade de se envolver no processo de investigação - muitas vezes para fornecer informações-chave inexistentes noutras fontes – bem como participar no desenvolvimento de novos projectos e, no fundo, ter uma voz activa nos processos de decisão sobre o, também, seu património. São vários os exemplos do uso das novas tecnologias da web 2.0 para unir estes intervenientes, sendo talvez o mais conhecido os processos de crowdsourcing em que vários indivíduos online contribuem para um objectivo comum numa plataforma designada para o efeito. No campo do património este método tem sido utilizado com sucesso para mapear áreas históricas, pedindo aos participantes que, por exemplo, digitalizem as suas

fotografias antigas e as coloquem online, georeferenciadas num mapa; isto permite que se compare o sítio actual com o que era há gerações atrás, bem como contar histórias, visto que muitas vezes as fotos que aparecem são de eventos, públicos ou pessoais, que revelam esses momentos da história que tão facilmente se perdem na memória.

- *Paisagem Industrial:*

Poucas outras áreas da arqueologia e do património exigem tão profundamente um trabalho à escala da paisagem e do território como o exige o período industrial. As redes de influências e de conhecimento tecnológico, as causas por detrás da sua instalação e os efeitos da indústria, entre muitos outros aspectos, levam a que seja necessário olhar este património mais além do sítio, mais além da materialidade, para compreender questões económicas, políticas, sociais, e ambientais que se revelam apenas quando olhamos à escala da paisagem. A utilização de uma abordagem baseada em sistemas, que reconhece a complexidade de relações que se estabelecem na teia de elementos espalhados pela paisagem, ajuda-nos a reconhecer a importância da interdisciplinariedade e do cruzamento de informações, necessários para realmente compreender e bem gerir a paisagem industrial. Um dos métodos agora usados passa pela *ciência aberta*, uma abordagem que hoje permite realizar investigação com investigadores em outros locais para uma procura de soluções a problemas comuns.

Existe assim um vasto potencial para a expansão e actualização dos métodos em arqueologia e património industrial pela utilização das novas tecnologias web. Estes revelam-se úteis na utilização de melhor software que permita não só o cruzamento da informação existente e a cooperação entre investigadores, mas também o constante abastecimento e actualização da informação fornecida, bem como da possibilidade de pedir ao cidadão comum, não profissional, para contribuir para o conhecimento deste património ainda tão incompreendido e ser parte integrante da sua protecção.